

Mulheres precisam querer mais

Artigo publicado no O Estado de S. Paulo – 06/12/2011



LUIZA ELUF

O último censo do IBGE mostrou que as mulheres têm, em média, mais dois anos de educação que os homens. Mas, em que pese esse diferencial positivo, os salários pagos às mulheres ainda são, em média, 30% menores que os dos homens, na mesma função. Outra constatação intrigante é a de que, quanto maior o nível educacional, maior a diferença entre os rendimentos masculinos e femininos.

Sabemos que o patriarcalismo se sustenta na pobreza da mulher. A ideia é que as mulheres não tenham dinheiro nem poder, precisem vender seu corpo para se sustentar, seja pela prostituição ou pelo casamento. Além disso, essa pesquisa mostrou que não basta ter mais educação formal para que a violência doméstica diminua. A correlação de forças entre os gêneros continua desigual e as mulheres permanecem sofrendo discriminações, tanto no espaço público quanto no privado.

O Brasil já tomou várias medidas para promover a igualdade de gênero. Começou pela Constituição federal, que estabelece direitos iguais, reconhece a união estável, cria a licença-paternidade, equipara os direitos dos filhos independentemente da situação dos pais. Vieram, também, as Delegacias de Defesa da Mulher, o crime de assédio sexual, a Lei Maria da Penha, as Varas de Violência Doméstica. Entendemos que a opressão feminina é milenar e não será banida do dia para a noite, mas com as possibilidades que temos hoje é de espantar que a maioria das mulheres ainda esteja em tamanha desvantagem. Em outras palavras, a marcha para uma vida melhor está devagar demais.

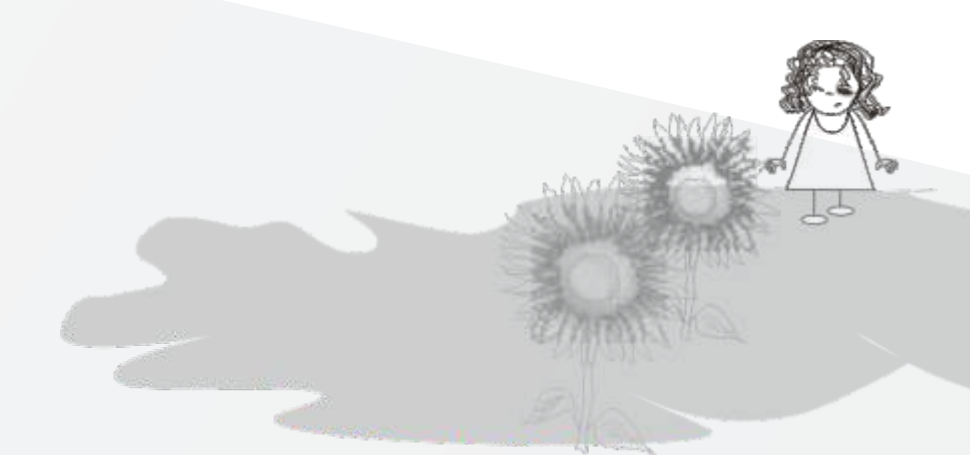
A dominação masculina transformou o mundo num lugar hostil às mulheres. Nos mínimos detalhes, as atividades profissionais remuneradas são organizadas para causar desconforto à mulher. Os ambientes são rígidos, os banheiros são sujos, o relacionamento com os outros é impessoal, os termos linguísticos são rudes, a nomenclatura dos cargos de comando está no masculino, as roupas são controladas e criticadas, isso tudo sem falar do assédio sexual ou moral, de forma que as mulheres sintam medo de ser mulheres. Assim, diante de tantas dificuldades, muitas desistem antes de tentar, outras alcançam uma posição razoável e se conformam; apenas algumas poucas ousam lutar para chegar o mais alto possível. É difícil resistir à tentação de se acomodar, de aceitar a subalternidade ou dedicar-se apenas ao marido e aos filhos.

Sim, gostamos de ser mães, de cuidar da casa e dos outros, mas isso não engloba todos os nossos anseios. Precisamos também de independência financeira, sexual e profissional, de respeito, de dignidade e de reconhecimento social. Para escapar da violência e mudar a correlação de forças temos de estar no poder. Mesmo que esse poder, instalado por homens para o bem dos homens, não seja o nosso ideal de vida. Ainda que pareça difícil suportar as contrariedades do ambiente hostil, não será possível evitar esta etapa evolutiva: ocupar os espaços para depois fazer as transformações. Enquanto as mulheres não tiverem a clareza de que é preciso querer mais, ambicionar o máximo e não se contentar com o mínimo, os bons níveis de escolaridade não serão suficientes para vencer a imposição de inferioridade.

Por outro lado, não podemos prescindir da colaboração dos homens nessa árdua jornada. E eles precisam começar modificando a forma como encaram as relações afetivas. Sobre esse tema, David Servan-Schreiber, médico francês que escreveu dois livros para contar sua luta contra o câncer, sintetizou o assunto na obra Podemos Dizer Adeus Duas Vezes. Depois de muita meditação e durante os momentos finais em que passou a rever sua vida, reconheceu que não soube amar as mulheres como gostaria de ter amado. Em suas palavras: "Quando eu era muito jovem, tinha a cabeça cheia de ideias imbecis sobre o assunto. Para mim, amor era coisa que o homem impunha à mulher, pois ela era por essência recalcitrante. O único modo de agir era subjugar-la. Uma história de amor era em primeiro lugar uma história de conquista, depois uma história de ocupação. Pura relação de força, na qual o homem tinha interesse em se manter na posição dominante. Nem pensar em deixar-se levar, mesmo depois de ela se render. Como a dominação era ilegítima, ele devia vigiar constantemente sua conquista, devia mantê-la sob sua influência, se quisesse evitar que ela se rebelasse. Impossível imaginar uma relação harmoniosa, uma relação baseada na troca ou numa igualdade qualquer dos parceiros. Ainda me pergunto de onde me vinham aquelas ideias idiotas que deterioraram minhas histórias de amor até por volta dos meus 30 anos. Eu me esforçava por me comportar como potência ocupante. Minha busca amorosa se resumia à procura de um território para conquistar. Resultado: eu amava, às vezes loucamente, mas não era amado. Ou mesmo quando o era, não me autorizava a me sentir amado. Porque, nesse caso, precisaria depor as armas. Que tristeza ter perdido tanto tempo e tantas oportunidades de felicidade! Por fim, acabei me desvencilhando daquelas ideias grotescas, dei um salto quântico que me projetou anos-luz, num universo encantado em que as mulheres são dotadas de inteligência e conseguem compartilhar comigo uma infinidade de interesses comuns. Finalmente, fui capaz de viver verdadeiras histórias de amor, com mulheres que eram iguais a mim, humana e intelectualmente. Consegui abandonar o frustrante papel de tutor. Aprendi que há muito mais prazer em dar e receber do que em dominar ou impor-se pela sedução".

Talvez seja isso que nossas escolas tenham de ensinar para que os níveis de instrução formal possam fazer alguma diferença.

Para saber mais sobre Luiza Eluf acesse: <http://www.luizaeluf.com.br>



A Nova.e organiza o texto do artigo da Luiza e acrescenta informações para aprofundar os conhecimentos das leitoras e leitores sobre o tema.



Foto de Heliana Turquino

Sugerimos que **peças jovens e adultas** leiam este boletim em grupo!
Pensem e conversem sobre este assunto!!!!

Esperamos que gostem da leitura!

Mulheres Visíveis



Foto de Dorothea Lange, 1936

Sabemos que o patriarcalismo se sustenta na pobreza da mulher. - Luiza Eluf

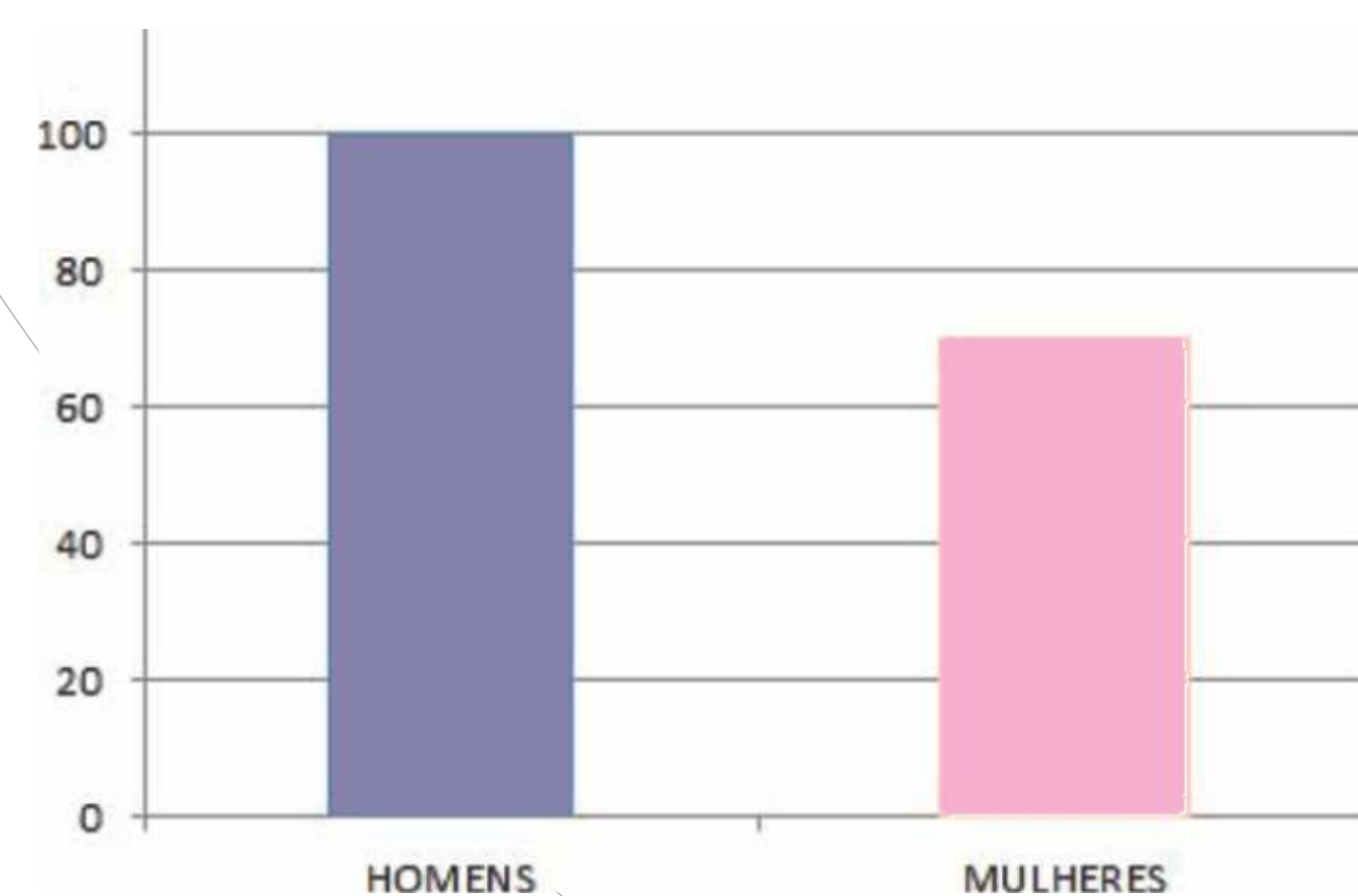
A miséria dos anos 1930 resumida no rosto triste, mas digno, de Florence Thomson, uma camponesa da Califórnia. O rosto escondido dos filhos concentra a atenção na expressão e no gesto desta mãe viúva. Coleção Folha Grandes Fotógrafos- Mulheres. Folha de São Paulo: São Paulo, 2009.

Patriarca = homem chefe de um grupo, seja como pai família, fundador ou líder religioso, de empresas, associações, etc.
Patriarcalismo = sistema de comando de patriarcas.

Oposição de poder com a **matriarca**

Matriarca = A mãe que exerce autoridade de chefe sobre a sua família e descendentes em geral. Progenitora

Os salários pagos às mulheres ainda são, em média, 30% menores que os dos homens. Quanto maior o nível educacional, maior a diferença entre os rendimentos masculinos e femininos. - Luiza Eluf



Não basta ter mais educação formal para que a violência doméstica diminua. As mulheres permanecem sofrendo discriminações. A opressão feminina é milenar e não será banida do dia para a noite. A marcha para uma vida melhor está devagar demais. - Luiza Eluf





Mulheres Visíveis

O Brasil e a igualdade de gênero

A Constituição Federal do Brasil estabelece:

- direitos iguais,
- reconhece a união estável,
- a licença-paternidade,
- os direitos dos filhos independentemente dos pais serem casados ou não.

Delegacias de Defesa da Mulher

- crime de assédio sexual,
- a Lei Maria da Penha,
- as Varas de Violência Doméstica.

Uma História para Explicar a Dominação

Uma versão para a organização social patriarcal é a seguinte:

Nos primeiros grupos humanos, os mais fortes saíam em busca de alimentos. A mulher permanecia no acampamento para cuidar dos filhos. O primeiro alimento humano está no seio da mulher! A perda do leite antes do tempo podia significar a morte da criança. Deixar os filhos sozinhos, sem a proteção da mãe, representava risco de morte. O alimento trazido na atividade da caça, sustentava o núcleo: homens, mulheres e crianças. Os grupos femininos produziam utensílios para o grupo e iniciaram e cuidaram da criação de animais. Com o tempo, a necessidade de espaço leva à ocupação de terra. A ocupação de terra leva à definição de território, à posse da terra e, assim chega-se às questões relacionadas à liderança, herança e sucessores. A legitimidade dos filhos passa a ser questão social fundamental. A necessidade social de controle sobre a mulher conduz à perda de sua liberdade, à limitação das suas ações e aquisição de conhecimento. Para a maioria das mulheres, havia somente um território no qual tinham algum poder de decisão: nos lares! A sobrevivência da mulher e dos filhos sem um protetor era difícil e perigosa. Quando as mulheres ficavam viúvas ou eram abandonadas, a grande maioria escolhia - e atualmente ainda escolhe - noivas uniões para garantir o sustento e segurança dos filhos. O casamento era - e para algumas ainda é - a solução de segurança financeira para as meninas. Às mulheres eram permitidas somente algumas atividades de trabalho, naturalmente as que eram mais fáceis de serem socialmente controladas.

Restrições, controle, subjugação pela força, assim estabeleceu-se os laços de dependência e submissão existentes até hoje.





Mulheres Visíveis

Hoje:

Ambientes desconfortáveis, termos linguísticos rudes, controle do vestuário, assédio moral e/ou sexual, levam muitas das mulheres a se acomodarem em seus cargos, em suas famílias. - Luiza Eluf

Em especial, nos lares com violência doméstica, a mulher percebe que os riscos de reagir e se afastar são grandes. Algumas das dificuldades são:

- A necessidade material dos filhos e a própria;
- O risco do agressor cumprir as ameaças que faz;
- O aumento das ações de controle e violência.

Parecem fortes motivos para a permanência...

Assim, diante de tantas dificuldades, muitas desistem antes de tentar, outras alcançam uma posição razoável e se conformam; apenas algumas poucas ousam lutar para chegar o mais alto possível. É difícil resistir à tentação de se acomodar, de aceitar a subalternidade ou dedicar-se apenas ao marido e aos filhos. - Luiza Eluf

Sim, gostamos de ser mães, de cuidar da casa e dos outros, mas isso não engloba todos os nossos anseios. Precisamos também de independência financeira, sexual e profissional, de respeito, de dignidade e de reconhecimento social. Para escapar da violência e mudar a correlação de forças temos de estar no poder. Mesmo que esse poder, instalado por homens para o bem dos homens, não seja o nosso ideal de vida. Ainda que pareça difícil suportar as contrariedades do ambiente hostil, não será possível evitar esta etapa evolutiva: ocupar os espaços para depois fazer as transformações. Enquanto as mulheres não tiverem a clareza de que é preciso querer mais, ambicionar o máximo e não se contentar com o mínimo, os bons níveis de escolaridade não serão suficientes para vencer a imposição de inferioridade. - Luiza Eluf





Mulheres Visíveis

A Jornada da Vida para a Mulher

Eles precisam começar modificando a forma como encaram as relações afetivas. Sobre esse tema, David Servan-Schreiber, médico francês que escreveu dois livros para contar sua luta contra o câncer, sintetizou o assunto na obra *Podemos Dizer Adeus Duas Vezes*. Depois de muita meditação e durante os momentos finais em que passou a rever sua vida, **reconheceu que não soube amar as mulheres como gostaria de ter amado**. - Luiza Eluf

Em suas palavras:

O Discurso de Guerra:

Imposição
Controle
Conquista
Subjugação
Ocupação

Relação de força física e psicológica
Manutenção da posição dominante – influenciar, controlar, subjugar.
Ausência de escuta
Potência ocupante.

Um manda, controla e domina, o outro obedece!



Fonte:

<http://iamsimplysheen.blogspot.com.br/>

Diz David Servan-Schreiber:

“Quando eu era muito jovem, tinha a cabeça cheia de ideias imbecis sobre o assunto. Para mim, amor era coisa que o homem impunha à mulher, pois ela era por essência recalcitrante(teimosa). O único modo de agir era subjugar-la. Uma história de amor era em primeiro lugar uma história de conquista, depois uma história de ocupação. Pura relação de força, na qual o homem tinha interesse em se manter na posição dominante. Nem pensar em deixar-se levar, mesmo depois de ela se render. Como a dominação era ilegítima, ele devia vigiar constantemente sua conquista, devia mantê-la sob sua influência, se quisesse evitar que ela se rebelasse. Impossível imaginar uma relação harmoniosa, uma relação baseada na troca ou numa igualdade qualquer dos parceiros. Ainda me pergunto de onde me vinham aquelas ideias idiotas que deterioraram minhas histórias de amor até por volta dos meus 30 anos. Eu me esforçava por me comportar como potência ocupante. Minha busca amorosa se resumia à procura de um território para conquistar. Resultado: eu amava, às vezes loucamente, mas não era amado. Ou mesmo quando o era, não me autorizava a me sentir amado. Porque, nesse caso, precisaria depor as armas. Que tristeza ter perdido tanto tempo e tantas oportunidades de felicidade!” David Servan-Schreiber, médico francês que escreveu a obra *Podemos Dizer Adeus Duas Vezes*.

O salto quântico:

Em Física, o salto quântico acontece quando uma partícula ganha energia e muda do nível energético onde estava para um nível superior. Na vida humana, o salto quântico pode ser entendido como a mudança de comportamento depois de um indivíduo agir de uma determinada forma, durante muito tempo.

A mudança total de comportamento pode ser entendida como um “salto quântico”!



Mulheres Visíveis

Igualdade
Fraternidade
Liberdade de expressão
Relação de troca
Dignidade
Respeito
Amor



Fonte: <http://filosofases.blogspot.com.br/>

O Discurso das Relações Igualitárias e o Salto Quântico

Diz David Servan-Schreiber:

“Por fim, acabei me desvencilhando daquelas ideias grotescas, dei um salto quântico que me projetou anos-luz, num universo encantado em que as mulheres são dotadas de inteligência e conseguem compartilhar comigo uma infinidade de interesses comuns. Finalmente, fui capaz de viver verdadeiras histórias de amor, com mulheres que eram iguais a mim, humana e intelectualmente. Consegui abandonar o frustrante papel de tutor. Aprendi que há muito mais prazer em dar e receber do que em dominar ou impor-se pela sedução”. David Servan-Schreiber, médico francês que escreveu a obra *Podemos Dizer Adeus Duas Vezes*.

Relação de Troca

Uma pessoa **ensina** e **aprende** com a outra. **Dá** e **recebe**!

Luiza diz: “Talvez seja isso que nossas escolas tenham de ensinar para que os níveis de instrução formal possam fazer alguma diferença.”

Ouvir e Interpretar: Música *Eu e a Vida de Jorge Vercilo*

Ouçam a música em: <http://www.youtube.com/watch?v=EddbiroyMaQ>

Associem a letra da música com a situação da mulher. Comentem no grupo o significado que esta música pode ter.

Preste atenção nos trechos da letra:

“Vem me pedir além do que eu posso dar, é aí que o aprendizado está [...]
Quando chega o fim da linha já não há aonde ir [...]
[...]e quando a vida espera mais de mim, mais além, mais de mim.
O eterno aprendizado é o próprio fim. Já nem sei se tem fim.
De elástica minha alma dá de si, mais além, mais de mim [...]
[...]vem me privar pra ver o que vou fazer[...]
[...]vem me desapontar pra me ver crescer [...]
[...] cada ano a vida pede mais de mim, mais de nós, mais além [...]”

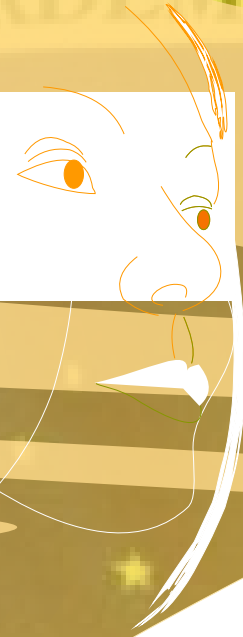


Interpretar a Foto

Observem atentamente a foto. Depois de pensar e conversar digam qual pode ser o significado desta imagem se pensarmos na sociedade atual e na mulher.



foto de: Heliana Turquino

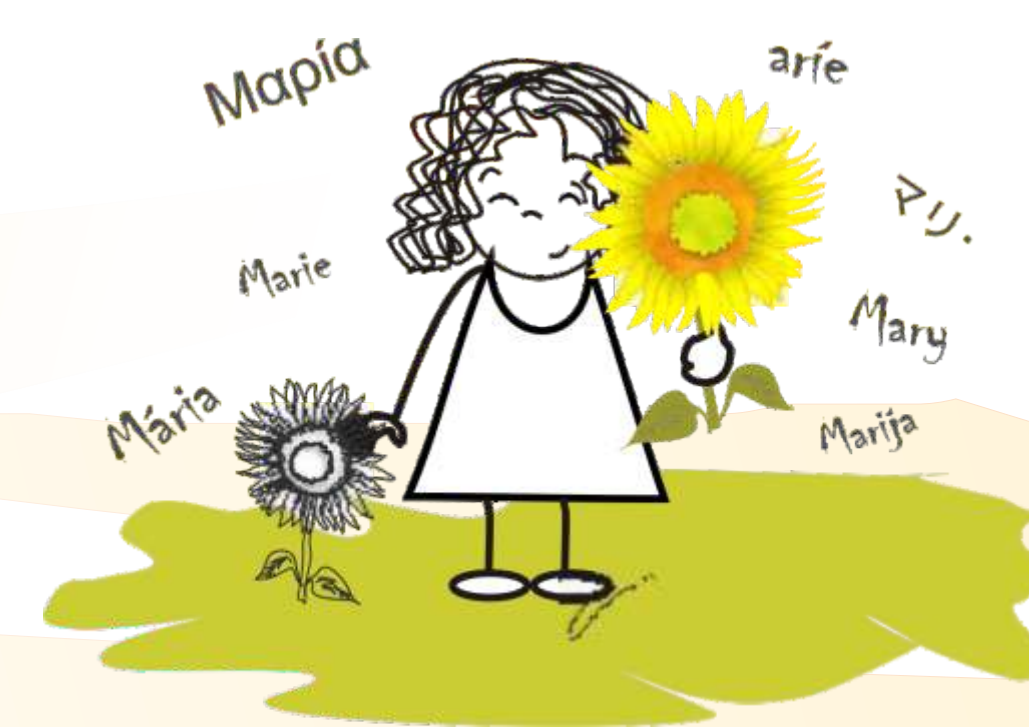


Mulheres Visíveis

Ler: Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres – trecho do documento internacional

Adoptada e aberta à assinatura, ratificação e adesão pela resolução n.º 34/180 da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 18 de Dezembro de 1979. Documento reconhecido pelo Brasil. Leiam o trecho do documento internacional, reconhecido pelo Brasil e escrevam sobre o assunto.

“Lembrando que **a discriminação contra as mulheres** viola os princípios da igualdade de direitos e do respeito da dignidade humana, que dificulta a participação das mulheres, nas mesmas condições que os homens, na vida política, social, econômica e cultural do seu país, que cria obstáculos ao crescimento do bem-estar da sociedade e da família e que **impede as mulheres de servirem o seu país e a Humanidade em toda a medida das suas possibilidades**;[...]”Fonte: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/dm-conv-edcmulheres.html>.



E D I T O R I A L

Direção executiva, elaboração da atividade didática

Cristina Mekitarian

Autora do artigo «Mulheres precisam querer mais»

Luiza Eluf

Projeto gráfico, diagramação, criadora da personagem «Maria cidadã»

Anacris Siuani (Ana Cristina de Souza)

Colaboradores

Marcia Inês de Souza Annunziato

Heliana Turquino

Nova.e Projetos Educacionais

Rua Humberto I, nº 82 CEP: 04018-030 Vila Mariana São Paulo SP

www.wix.com/novaeprojetos/educ

Este e-Newsletter Mulheres Visíveis é uma publicação educativa, elaborada e distribuída gratuitamente.

Apoio



www.sinsesp.com.br



www.revistaviverde.com.br



www.fiscaisdanatureza.com.br



www.brechovip.com.br